

A CONSCIENTIZAÇÃO MASCULINA COMO ESTRATÉGIA NO COMBATE À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

MALE AWARENESS AS A STRATEGY TO COMBAT VIOLENCE AGAINST WOMEN

Ana Júlia Lopes Carvalho ¹
Ana Luíza Lage Soares Limas ²
Camila Reis de Paula ³
Guilherme Dutra Figueiredo ⁴
Júlia Gonçalves Chagas ⁵
Laysa Faria Ribeiro ⁶
Lívia Magalhães Oliveira ⁷
Luana Aparecida Barros Silva ⁸
Maria Clara Araújo Costa ⁹
Vitória Mendonça de Assis ¹⁰

RESUMO

Segundo dados de 2025 do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), 37,5% das mulheres brasileiras com 16 anos ou mais vivenciaram ao menos uma situação de violência nos últimos 12 meses. Diante desse cenário, este projeto buscou promover a conscientização de homens, jovens e adultos da escola de lutas Tchaco Fight Team sobre os altos índices de feminicídio e o crescimento de discursos de ódio contra as mulheres no Brasil, destacando como essas violências são sustentadas por padrões culturais machistas, relações de poder desiguais e pela normalização de comportamentos abusivos no cotidiano. Para isso, a metodologia contou com a realização de uma roda de conversa voltada à prevenção da violência de gênero, seguida por uma dinâmica para estimular a reflexão crítica sobre padrões de masculinidade construídos socialmente. Os resultados obtidos mostraram que o cenário de discriminação e agressão contra a mulher está mais próximo do cotidiano dos participantes do que o inicialmente imaginado. Conclui-se que o enfrentamento da violência contra a mulher exige não apenas políticas públicas e instrumentos jurídicos, mas também um trabalho contínuo de educação, diálogo e responsabilização coletiva no ambiente comunitário.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres; Violência; Conscientização; Prevenção; Masculinidade.

¹ Graduanda no curso de Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM).

² Graduanda no curso de Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM).

³ Graduanda no curso de Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM).

⁴ Graduando no curso de Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM).

⁵ Graduanda no curso de Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM).

⁶ Graduanda no curso de Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM).

⁷ Graduanda no curso de Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM).

⁸ Graduanda no curso de Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM).

⁹ Graduanda no curso de Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM).

¹⁰ Graduanda no curso de Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM).

ABSTRACT

According to data from 2025 from the Brazilian Public Security Forum (FBSP), 37.5% of Brazilian women aged 16 or older have experienced at least one situation of violence in the last 12 months. Given this scenario, this project sought to promote the awareness of men, young people and adults of the Tchaco Fight Team fight school about the high rates of femicide and the growth of hate speech against women in Brazil, highlighting how this violence is sustained by sexist cultural patterns, unequal power relations and the normalization of abusive behavior in everyday life. For this, the methodology counted on the realization of a conversation circle focused on the prevention of gender violence, followed by a dynamic to stimulate critical reflection on socially constructed patterns of masculinity. The results obtained showed that the scenario of discrimination and aggression against women is closer to the daily life of the participants than initially imagined. It is concluded that confronting violence against women requires not only public policies and legal instruments, but also a continuous work of education, dialogue and collective accountability in the community environment.

KEYWORDS: Women; Violence; Awareness; Prevention; Masculinity.

1. INTRODUÇÃO

A organização das nações unidas afirma que a violência contra a mulher persiste em todos os países do mundo como uma violação contendente dos direitos humanos e como um impedimento na conquista da igualdade de gênero (ONU, 2006). Ele reconhece ainda que a violência contra as mulheres é um grave problema de saúde pública, pois afeta profundamente a integridade física e a saúde mental das mesmas (Krug e col.,2002). Essas práticas são sustentadas por padrões machistas estabelecidos culturalmente e naturalizados, que se passam despercebidos aos olhos da sociedade. Neste contexto, torna-se fundamental promover espaços de reflexão, para que possibilitam questionamentos sobre essas práticas e incentivar mudanças de comportamentos. Diante disso, este trabalho propõe a realização de uma roda de conversa e uma dinâmica interativa “A Linha de Chegada da Masculinidade” na academia artes marciais Tchaco Fight Team, um ambiente majoritariamente masculino, voltado ao público homens jovens e adultos. Com o objetivo de conscientizar e trazer reflexões dos tipos de violência e de como a mulher tem sido tratada na sociedade. Abriremos um espaço de diálogo onde provocaremos os participantes a abordarem discursos e temas que a princípio parecem banais, mas que produzem um grande impacto no cotidiano na vida das mulheres. Como o desrespeito, discursos de ódio, ciúmes excessivos, difamação, entre outros... A proposta é fazê-los refletir criticamente sobre os comportamentos enraizados, e incentivar a responsabilidade individual para traçar posicionamentos de mudanças para uma sociedade mais justa. A escolha do espaço se dá pela relevância da construção de identidade e valores, onde também é possível estimular novas formas de masculinidade baseadas no respeito, e empatia e na igualdade de gênero.

2. OBJETIVOS

2.1. OBJETIVO GERAL

Promover a conscientização de homens, alunos da escola de lutas Tchaco Fight Team, sobre o feminicídio e os discursos de ódio contra mulheres no Brasil, incentivando a reflexão crítica sobre atitudes e crenças machistas, a responsabilidade individual e coletiva e a construção de relações mais respeitadas, igualitárias e baseadas nos direitos humanos.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a. Contribuir para a desconstrução de estigmas e crenças que legitimam a violência de gênero.
- b. Discutir como o machismo e os discursos de ódio contra as mulheres se manifestam no cotidiano e contribuem para a escalada da violência.
- c. Estimular a reflexão crítica sobre comportamentos naturalizados, como ciúme excessivo, controle e desrespeito, frequentemente confundidos com cuidado ou afeto.
- d. Evidenciar que o feminicídio não é um ato isolado, mas o resultado de um ciclo progressivo de controle, abuso e desvalorização da mulher.
- e. Incentivar atitudes de responsabilidade social, respeito e promoção da equidade de gênero.
- f. Promover a conscientização de homens, jovens e adultos, do clube de luta Tchaco Fight Team sobre os altos índices de feminicídio e suas causas estruturais.
- g. Reforçar a importância da denúncia e do acesso a mecanismos de proteção, como os previstos na Lei Maria da Penha.
- h. Valorizar os direitos humanos e a integridade das mulheres, promovendo uma cultura de não violência.

3. JUSTIFICATIVA

Segundo dados de 2025 do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), 37,5% das mulheres brasileiras com 16 anos ou mais, o equivalente a cerca de 21,4 milhões, vivenciaram ao menos uma situação de violência nos últimos 12 meses. Entre as formas mais recorrentes, 31,4% relataram ter sofrido ofensas verbais, como insultos, humilhações ou xingamentos. A agressão física foi mencionada por 16,9% das mulheres (aproximadamente 8,9 milhões), incluindo tapas, empurrões, chutes ou socos. Além

disso, 16,1% afirmaram ter sido ameaçadas de agressão física e o mesmo percentual declarou ter sido vítima de stalking (caracterizado por perseguição obsessiva e reiterada, com invasão de privacidade e ameaça à integridade física e psicológica). Os dados também revelam que 1 em cada 10 mulheres sofreu abuso sexual ou foi forçada a manter relação sexual contra a própria vontade no último ano. Ainda, 8,9% sofreram lesões provocadas por objetos atirados contra elas, 7,8% relataram espancamento ou tentativa de estrangulamento, 6,4% foram ameaçadas com faca ou arma de fogo e 3,9% tiveram fotos ou vídeos íntimos divulgados na internet sem consentimento.

Quanto aos autores das agressões, os principais responsáveis são parceiros íntimos, cônjuge, companheiro, namorado ou marido (40%), seguidos por ex-cônjuges ou ex-companheiros (26,8%). Esses dados evidenciam que a violência contra a mulher, mais do que doméstica, é também intrafamiliar, revelando sua complexidade e enraizamento nas relações afetivas e familiares. Diante de dados tão alarmantes, não é possível negligenciar uma pauta de tamanha relevância social. Por isso, este projeto tem como objetivo direcionar o diálogo àqueles que precisam estar no centro dessa transformação, os homens. Em vez de reforçar a culpabilização das vítimas, a proposta é deslocar o foco para a responsabilização e conscientização masculina. Será realizada uma roda de conversa com um grupo de alunos da Tchaco Fight Team, escola de lutas localizada em Pará de Minas (MG), composto por participantes de diferentes faixas etárias. A escolha do público parte da compreensão de que espaços predominantemente masculinos também são territórios potentes para a construção de novas formas de masculinidade, baseadas no respeito, na responsabilidade afetiva e na equidade de gênero. O intuito é apresentar os dados, promover reflexão crítica e provocar uma indignação consciente, não no sentido de culpa, mas de compromisso. Busca-se sensibilizá-los sobre a importância de não reproduzir nenhum tipo de violência, de romper com vínculos e discursos que banalizam a agressão contra mulheres e de se posicionarem ativamente ao lado delas na luta por uma sociedade mais justa e segura. Essa proposta está alinhada à Organização das Nações Unidas (ONU) e à sua Agenda 2030, que estabelece os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), metas globais adotadas em 2015 para erradicar a pobreza, proteger o meio ambiente e garantir prosperidade, integrando dimensões sociais, econômicas e ambientais. Em especial, o projeto dialoga diretamente com o ODS 5, Igualdade de Gênero, que visa alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas, além de se relacionar com o ODS 17, Parcerias e Meios de Implementação, ao fortalecer a articulação entre universidade e comunidade para promover transformação social concreta.

4. METODOLOGIA

Será realizada uma dinâmica inicial, intitulada “A Linha de Chegada da Masculinidade”, que consiste no posicionamento dos participantes em uma linha de partida, sendo conduzidos por afirmações relacionadas às construções sociais da masculinidade. A cada identificação com as afirmações propostas, os participantes avançam na linha, permitindo a visualização de diferentes experiências e influências sociais. Ao final, a disposição dos participantes subsidia uma breve problematização, que introduz a roda de conversa sobre desigualdade de gênero e violência contra a mulher. Em seguida, será realizada uma roda de conversa dialógica voltada à conscientização sobre a violência contra a mulher.

A proposta fundamenta-se na horizontalidade da fala, buscando favorecer a escuta ativa, a reflexão subjetiva e a problematização de normas e comportamentos de gênero que sustentam práticas nocivas. A intervenção metodológica ocorrerá no dia 27 de maio de 2026, às 19h, na Academia de Luta Tchaco Fight Team em Pará de Minas (MG). A escolha do local configurasse como estratégica, considerando a territorialidade e o potencial de alcance direto do público alvo masculino em um espaço de sociabilidade recorrente.

5. DESENVOLVIMENTO

A violência contra a mulher no Brasil configura-se como um fenômeno estrutural, historicamente construído a partir de relações desiguais de poder entre homens e mulheres.

Essas desigualdades são sustentadas por normas sociais e culturais que naturalizam a dominação masculina e legitimam práticas de controle, opressão e violência. Nesse sentido, a violência de gênero não pode ser compreendida como um conjunto de casos isolados, mas sim como a expressão de um sistema que perpetua a inferiorização feminina e a desigualdade nas relações sociais.

Os dados mais recentes evidenciam a gravidade desse cenário e reforçam a urgência de intervenções efetivas. De acordo com o Senado Federal, com base na Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher, cerca de 3,7 milhões de brasileiras sofreram algum tipo de violência doméstica ou familiar em 2025. Além disso, informações do DataSenado apontam que, em 71% dos casos de agressão, havia a presença de testemunhas, incluindo crianças e adultos, sendo frequentemente os próprios filhos das vítimas. Ainda assim, em aproximadamente 40% das situações, nenhuma testemunha adulta tomou qualquer atitude para intervir, o que evidencia a naturalização da violência e a omissão social diante de situações graves.

A gravidade da violência de gênero também se manifesta nos índices de crimes extremos. Segundo o Senado Federal, entre janeiro e junho de 2025, foram registrados 718 casos de feminicídio no país, o que corresponde a uma média de aproximadamente quatro mulheres assassinadas por dia em razão de seu gênero. No mesmo período, foram contabilizados 33.999 casos de estupro contra mulheres, representando cerca de 187 ocorrências diárias. Esses dados demonstram que o feminicídio não é um evento isolado, mas o desfecho de um ciclo progressivo de violência, marcado por controle, abuso psicológico, desvalorização e agressões sucessivas. Além disso, é importante compreender que a permanência de muitas mulheres em relacionamentos abusivos não decorre de uma simples decisão individual, mas de fatores complexos relacionados às estruturas sociais e culturais. Conforme Gomes (2023 apud MUSIALAK; SOUZA; BERGAMIN, 2024), existem muitas mulheres que ainda permanecem submissas aos seus companheiros e vivem aprisionadas a contextos sociais que dificultam a reconstrução de suas vidas. Essa realidade evidencia a persistência de relações de dependência emocional, econômica e simbólica que contribuem para a manutenção dos ciclos de violência. Em muitos casos, o medo, a vulnerabilidade financeira e a preocupação com os filhos constituem obstáculos significativos para o rompimento da relação abusiva.

Outro aspecto relevante refere-se ao papel desempenhado pelos meios de comunicação na construção das percepções sociais sobre a violência. Segundo Souza e Cunha (2018 apud FEITOSA; RAMOS, 2026), a globalização e o capitalismo têm contribuído para a espetacularização da violência, especialmente por meio da mídia, que frequentemente reproduz e difunde discursos associados à dominação, exploração e coerção. Nesse contexto, a violência contra a mulher pode ser banalizada ou tratada de forma superficial, dificultando a compreensão de suas causas estruturais e reforçando estereótipos de gênero que contribuem para a perpetuação das desigualdades.

Diante desse contexto, torna-se fundamental compreender o papel das construções sociais da masculinidade na manutenção desse cenário. Conforme discutido por Raewyn Connell, a masculinidade hegemônica está associada a valores como poder, controle, domínio e repressão emocional, o que pode favorecer comportamentos violentos e autoritários. Muitos homens são socializados a acreditar que devem exercer controle sobre suas parceiras, interpretando atitudes como ciúme excessivo e possessividade como demonstrações de cuidado, quando, na realidade, tais comportamentos fazem parte de um padrão de violência.

Nesse sentido, o presente projeto propõe uma mudança de enfoque, deslocando o debate da culpabilização exclusiva da vítima para a responsabilização masculina e coletiva. A escolha da academia de lutas Tchaco Fight Team como espaço de intervenção mostra-se estratégica, uma vez que ambientes

predominantemente masculinos também são locais fundamentais para a construção e reconstrução de identidades e comportamentos. Ao promover a conscientização nesse contexto, busca-se estimular a reflexão crítica sobre atitudes naturalizadas, incentivar o rompimento com discursos que banalizam a violência e promover relações baseadas no respeito e na equidade.

A metodologia adotada fundamenta-se no diálogo e na participação ativa dos envolvidos. Pretende-se criar um espaço de escuta, troca de experiências e problematização das normas sociais que sustentam a desigualdade de gênero. Essa abordagem possibilita que os participantes reconheçam seu papel na reprodução ou transformação dessas estruturas, favorecendo o desenvolvimento de uma consciência social mais crítica.

Por fim, destaca-se que essa proposta está alinhada aos princípios da Organização das Nações Unidas, especialmente ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5, que visa alcançar a igualdade de gênero, e ao Objetivo 17, que incentiva parcerias para a promoção de mudanças sociais. Assim, ao integrar conhecimento acadêmico e intervenção prática, o projeto contribui para o enfrentamento da violência contra a mulher e para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e livre de violência.

6. APLICAÇÃO

A atividade de extensão foi realizada em uma academia de artes marciais, com a participação de aluno e instrutores, tendo como tema central a violência contra a mulher e a promoção da reflexão acerca de comportamentos, atitudes e responsabilidades sociais no enfrentamento dessa problemática.

Inicialmente, os participantes foram acolhidos e apresentados aos objetivos da ação. Antes do início da atividade, o instrutor da academia conduziu um momento prático com os alunos, realizando exercícios de defesa pessoal e treinamentos relacionados à modalidade esportiva. Após esse momento, foi disponibilizado o espaço para a execução do projeto de extensão. A atividade teve início com uma roda de conversa, na qual foram discutidas questões relacionadas à prevenção da violência contra a mulher e à construção de relações pautadas no respeito, na empatia e na igualdade. Durante esse momento, foram apresentados dados estatísticos atualizados sobre a violência contra a mulher no Brasil, abordando diferentes formas de violência previstas na legislação, como a violência física, psicológica, patrimonial, moral e sexual. A exposição desses dados teve como objetivo sensibilizar os participantes quanto à gravidade e à frequência dessas ocorrências na sociedade brasileira.

Em seguida, foi realizada uma dinâmica reflexiva denominada “Linha de Chegada da Masculinidade”. Nessa atividade, os participantes permaneceram alinhados lado a lado e eram convidados a dar um passo

à frente sempre que se identificassem com situações, frases ou comportamentos já vivenciados, reproduzidos ou presenciados ao longo da vida. As perguntas provocativas buscaram estimular a reflexão crítica sobre padrões de masculinidade construídos socialmente e sobre como determinadas atitudes podem contribuir para a manutenção de desigualdades e violências de gênero.

Ao final da dinâmica, foi promovido um momento de diálogo e síntese das reflexões construídas coletivamente. Destacou-se que muitos pensamentos e comportamentos são aprendidos e reforçados socialmente, sendo necessário questioná-los para promover mudanças efetivas.

Também foi enfatizado que o enfrentamento da violência contra a mulher não é uma responsabilidade exclusiva das mulheres, mas um compromisso coletivo que envolve toda a sociedade.

Para encerrar a atividade, foi realizada a entrega de bombons aos participantes, acompanhados de frases reflexivas relacionadas ao respeito, à empatia e à responsabilidade coletiva no combate à violência contra a mulher. Essa ação teve como objetivo proporcionar um momento de acolhimento e reforçar a mensagem trabalhada durante toda a intervenção, incentivando os participantes a levarem consigo as reflexões construídas ao longo da atividade.

A atividade possibilitou um espaço de escuta, conscientização e reflexão, favorecendo o desenvolvimento de uma postura mais crítica e comprometida com a promoção do respeito e da equidade nas relações sociais.

7. CONCLUSÃO

Este projeto de extensão teve como objetivo principal promover a conscientização de homens, alunos da escola de lutas Tchaco Fight Team, sobre o feminicídio e os discursos de ódio contra as mulheres no Brasil. Por meio desta ação, buscou-se incentivar a reflexão crítica acerca de atitudes e crenças machistas, ressaltando a responsabilidade individual e coletiva na construção de relações mais respeitadas, igualitárias e estritamente baseadas nos direitos humanos. Ao longo do seu desenvolvimento, foram realizadas diversas etapas integradas, desde a pesquisa bibliográfica preliminar até a intervenção prática, que nos permitiram alinhar a teoria acadêmica à transformação social real.

A aplicação prática do projeto uniu de forma sinérgica o esporte e a conscientização. Inicialmente, o professor Tchaco conduziu um momento prático com os alunos, ensinando movimentos fundamentais de defesa pessoal e orientando sobre como as técnicas deveriam ser aplicadas em cada situação para a salvaguarda da integridade física das mulheres. Essa introdução dinâmica estabeleceu um ambiente de confiança e engajamento, preparando o terreno para a execução da atividade reflexiva subsequente.

Na sequência, a realização da roda de conversa e da dinâmica intitulada "A Linha de Chegada da Masculinidade" configurou-se como uma das experiências mais significativas de todo o projeto. Durante essa vivência, enfrentamos o desafio de mostrar aos homens e mulheres presentes como as ações e falas machistas e misóginas estão enraizadas no cotidiano, e como é possível superá-las por meio da identificação de situações normalizadas que, no entanto, não deveriam ser, como, por exemplo, a omissão diante de comentários inadequados sobre o corpo de uma mulher, que contribui para a naturalização dessas atitudes. Essa vivência evidenciou a importância de ocupar espaços majoritariamente masculinos para debater a igualdade de gênero, demonstrando que o diálogo aberto é uma ferramenta poderosa de transformação.

Os resultados obtidos mostraram que muitos dos participantes já haviam passado pelas situações citadas, evidenciando que o cenário de discriminação e violência contra a mulher está mais próximo do cotidiano do que se poderia imaginar.

Nesse sentido, a escolha da academia de artes marciais como espaço de intervenção revelou-se estratégica e acertada. Ambientes predominantemente masculinos, como academias de luta, constituem territórios privilegiados para a desconstrução de padrões de masculinidade hegemônica, aquela que associa ser homem a valores de domínio, controle e repressão emocional. Ao promover o diálogo justamente nesse contexto, o projeto demonstrou que a transformação cultural não ocorre apenas em espaços já sensibilizados para o tema, mas especialmente naqueles em que tais discussões ainda são pouco frequentes.

A articulação entre dados estatísticos, reflexão crítica e escuta ativa mostrou-se uma metodologia eficaz para produzir engajamento genuíno. Ao serem confrontados com números concretos sobre a violência contra a mulher no Brasil e, ao mesmo tempo, convidados a reconhecer suas próprias vivências na dinâmica da Linha de Chegada, os participantes foram conduzidos de uma postura inicial de distanciamento para uma posição de responsabilização e pertencimento à causa. Essa passagem, do dado abstrato para a experiência subjetiva, é o que diferencia uma intervenção que informa de uma intervenção que transforma.

Por fim, este projeto reafirmou que o enfrentamento da violência contra a mulher exige não apenas políticas públicas e instrumentos jurídicos, como os previstos na Lei Maria da Penha, mas também um trabalho contínuo de educação, diálogo e responsabilização coletiva. A universidade, ao estender sua atuação para além dos muros acadêmicos e dialogar com a comunidade em seus próprios espaços de vida, cumpre seu papel social mais essencial: o de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e livre de violência.

8. ANEXOS



9. REFERÊNCIAS

BRASIL. Senado Federal. Agência Senado. **DataSenado: violência de gênero atinge 3,7 milhões de brasileiras**. Brasília, DF, 24 nov. 2025. Disponível em: Senado Notícias. Acesso em: 8 maio 2026.

BRASIL. Senado Federal. DataSenado. **Pesquisa nacional de violência contra a mulher 2025**. Brasília, DF, 2025. Disponível em: https://www.senado.leg.br/institucional/datasenado/relatorio_online/pesquisa_violencia_domestica/2025/interativo.html. Acesso em: 8 maio 2026.

BRASIL. Senado Federal. Procuradoria Especial da Mulher. **Mapa nacional da violência de gênero aponta alta nos casos de feminicídio**. Brasília, DF, [s.d.]. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/procuradoria/noticias/mapa-nacional-da-violencia-degenero-aponta-alta-nos-casos-de-feminicidio>. Acesso em: 8 maio 2026.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?lang=pt>. Acesso em: 8 maio 2026.

FEITOSA, Helena Favarato Antonello; RAMOS, Denise Gimenez. *Contribuições psicanalíticas para o estudo da violência contra a mulher no Brasil: o agressor em questão*. Revista Psicologia e Saúde em Debate, v. 12, n. 1, 2026. DOI: 10.22289/2446-922X.V12A1A25.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil. 5. ed. São Paulo: FBSP, 2025. Sumário executivo.

LIMA, Daniel Costa; BÜCHELE, Fátima. Homens, gênero e violência contra a mulher. Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 69-81, 2008.

MUSIALAK, Ariele Mazoti Crubelati; SOUZA, Deborah Alves de; BERGAMIN, Gabriella Moura da Silva. *Violência contra a mulher no Brasil: entre a história e os dados — uma revisão bibliográfica*. Contribuciones a las Ciencias Sociales, 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Nova York: ONU, 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/ptbr/sdgs>. Acesso em: 4 mar. 2026.